

# Escrava sexual do patrão

*Durante sete meses, a doméstica Edilene dos Santos foi submetida a sessões de sadomasoquismo pelo dono da casa*

Paola Lima  
Da equipe do **Correio**

Era para ser apenas um emprego de doméstica, em casa de gente rica no Lago Sul. Mas acabou se transformando em um pesadelo. A piauiense Edilene Craveiro dos Santos, 19 anos, trabalhou nos últimos sete meses para o casal M.E.F.S.P, 47 anos, e U.P.S.P, 43 anos. Nesse tempo, além de lavar, passar e cozinhar, a garota serviu de escrava sexual para o patrão, funcionário do Senado.

Segundo Edilene, uma morena clara, bem feita de corpo e de baixa estatura, seu dia-a-dia como escrava era uma sucessão de surras, humilhações e abusos sexuais. Era obrigada a cumprir um 'contrato' com as normas que tinha de seguir em casa. As obrigações iam de pedir licença ao sair da sala, beijando demoradamente a mão do patrão, a andar nua e de coleira, engatinhando, pelo interior da casa.

A garota conta que M. a tratava como um cãozinho. "Ele me chamava de Cadelinha Dila", diz. E que o patrão costumava jogar um osso de plástico para que ela pegasse (sempre engatinhando e de coleira), enquanto a chicoteava. Também lhe dava comida no chão e ordenava que lambesse seus pés e pernas.

"Eles me adestraram direitinho, como costumavam dizer", lembra. Quando Edilene fazia algo errado, apanhava, na maioria das vezes de chicote, no corpo e no rosto. "Se saía da sala apressada e esquecia de pedir licença, eu era castigada", relata.

Ontem de madrugada, a garota cansou da escravidão. Depois de mais uma sessão de sadomasoquismo, esperou M. dormir e ligou para a polícia. Uma equipe da Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam) foi até a casa e prendeu o casal. Com marcas de chicote na coxa, barriga e ombro, a moça prestou depoimento na delegacia. "Fiquei perplexa de saber que ela aguentou passivamente todo esse tempo", diz a delegada-chefe da Deam, Débora Menezes.

Na casa do funcionário público, além de uma arma calibre 32 sem registro, foram encontrados inúmeros acessórios eróticos, como chicote, algemas de couro, fotos da garota nua e chicoteada, coleira, osso de plástico, correntes, vibradores, bolinhas chinesas e até um instrumento para dar choques.

Edilene disse que não fugiu ou ligou para a polícia antes porque era ameaçada. "Ele dizia que era gente importante no Senado e que se eu o entregasse não aconteceria nada com ele", afirma. "Além disso, deixava a arma sempre à minha vista, e ameaçava usá-la".

#### ANÚNCIO NO JORNAL

A história de perversões começou quando Edilene procurou um emprego pelo jornal. Atendendo a um anúncio foi à casa de M. e U., na QL 26 do Lago Sul. Foi contratada depois de uma criteriosa seleção de candidatas, por R\$ 260,00 mensais. Nunca chegou a receber. Logo nas primeiras semanas, passou a ter um caso com o patrão. "No começo ele me tratava direito, e a minha primeira vez foi com ele, como seria com um namorado comum", revela.

Com o tempo, o relacionamento foi esquentando. "Ele começou com umas palmadinhas de leve e eu achei que era brincadeira, uma novidade. Mas, depois as agressões foram aumentando e eu não tinha força para enfrentar as ameaças".

Os abusos aconteciam na casa dos fundos do lote, onde M. morava com a empregada. Na casa da frente, U. vivia com a filha de 13 anos do casal. A filha mais velha mora no Rio. "A menina é muito ligada em computador e não interferia na vida do pai", justifica Edilene. Segundo ela, M. não a deixava mais sair de casa, nem para encontrar com a irmã, que também mora em Brasília.

"Decidi denunciar porque a mulher dele participou pela segunda vez do meu espancamento", admite. "Quando ele cansava de me chicotear, passa-

André Corrêa



*Na casa do funcionário público, foram encontrados acessórios eróticos, como chicote, algemas e correntes*

va para ela até que ela também cansasse".

O funcionário público, preso por atentado violento ao pudor, desmente que Edilene tenha sido obrigada a passar pelas sessões de sadomasoquismo. "Ele

se defende dizendo que ela permitia tudo", revela a delegada. "E

uma mulher diz que não sabia de nada". Caso seja condenado, o casal pode pegar de seis a dez anos de prisão. M. vai ser indiciado ainda por porte ilegal de

armas, e pode pegar de um a dois anos de detenção.

De acordo com Débora Menezes, o laudo do Instituto Médico Legal (IML) constatou que Edilene tinha várias lesões pelo corpo, além de fissuras anais.